

## ETHOS E POSICIONAMENTOS EM FANZINES: RELAÇÕES ENTRE PODER E DISCURSO

### *ETHOS AND POSITIONING IN FANZINES: RELATIONS BETWEEN POWER AND SPEECH*

*Cellina Rodrigues Muniz*

Licenciada em Letras, Mestre em Linguística e Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

#### **Resumo**

Neste artigo, apresento algumas considerações sobre poder e discurso a partir do caso dos fanzines. Os fanzines, produzidos artesanalmente e difundidos tradicionalmente "às margens" dos circuitos profissionais de escrita e do mercado editorial, inscrevem-se numa tradição discursiva cujos *ethé* e *posicionamentos discursivos*, geralmente, estão na contramão daqueles legitimados pela cultura oficial (como a cristã, por exemplo). Meu objetivo, aqui, é mostrar alguns exemplos de fanzines que rompem com essa tradição discursiva e ilustrar a errância e a multiplicidade que estão para além de seu suporte e de sua constituição semiótica, reafirmando assim a condição relacional, local e produtiva da articulação entre poder e discurso.

Palavras-chave: fanzine; ethos; posicionamento; poder; discurso.

#### **Abstract**

In this article, I present some considerations on power and discourse from the case of fanzines. The fanzines produced handmade and distributed predominately outside of the professional circuits of writing and publishing market, fall within a discursive tradition whose *ethé* and discursive positions usually are on the opposite of those legitimized by the official culture (as the Christian, for example). My goal here is to show some examples of zines that break with this discursive tradition and to illustrate the wandering and multiplicity that are beyond its support and its semiotics constitution, thus reaffirming the relational condition, local and productive of the articulation between power and speech.

Key-words: fanzine, ethos, positioning, power, discourse.

## Introdução

Escritos "clandestinos" ou "marginais" não são nenhuma novidade na história da escrita. O desenvolvimento da cultura impressa passa necessariamente por folhetos e livretos que competem com o império dos livros e jornais. Voltaire, Blake e Sade que o digam. Sob o lastro de uma produção "periférica", ou seja, para além dos circuitos legitimados e oficiais de produção e circulação de textos impressos, no contexto da cultura *Pop*, emerge o *fanzine* (palavra formada da aglutinação de *fanatic* e *magazine*, isto é, "revista do fã"). Viabilizados primeiramente através de mimeógrafos e atualmente através de computadores (para editoração, impressão e/ou reprodução em máquinas de fotocópia), os fanzines – feitos a partir de recortes, colagens e dobraduras que dão unidade a uma junção caótica entre palavras e imagens – dão continuidade à história das muitas relações entre escrita e poder.

Desde sua emergência, como já assinalado, o fanzine manifesta uma condição prototípica de localização contrária aos circuitos legitimados de escrita e criação artística, bem como de posições temáticas: a partir de 1930, os fanzines iriam possibilitar que fãs de histórias de ficção científica expressassem suas opiniões em boletins informativos, bem como permitir que autores excluídos do mercado editorial de quadrinhos publicassem suas próprias histórias nesses meios alternativos aos círculos profissionais. Além do mais, os fanzines também foram importantes meios de divulgação dos ideais libertários do maio de 1968, do lema "do it yourself" da cultura punk, da imprensa nanica contrária à ditadura militar, da Poesia Marginal na contramão dos rituais da Academia... (cf. MAGALHÃES, 2004; MUNIZ, 2010). Enfim, o fanzine, historicamente, tem assumido predominantemente uma presença "subterrânea" em relação à cultura e escrita oficial e de maior visibilidade. Dentro da ordem estabelecida, podem ser vistos, à maneira de Foucault (2001), como práticas geralmente interditas e rejeitadas.

Mas, mesmo censurados, ridicularizados ou silenciados, os fanzines "teimam em resistir"<sup>1</sup>. É necessário, porém, evitar um olhar polarizador e binário que apresente de modo estanque os fanzines, restritos à esfera de oposições absolutas (*dominantes* x *dominados* ou *institucional* x *excluído*), especialmente em relação a *ethos* e *posicionamento discursivo* (MAINGUENEAU, 2001, 2006).

Como pretendo mostrar, há exemplos de fanzines que ilustram uma *descontinuidade* com a tradição discursiva tida "underground", demonstrando que, especificamente no que diz respeito a *ethos* e *posicionamento discursivo*, o fanzine, tal como o caráter itinerante de seu suporte – pequenos folhetos quase artesanais – não pode mesmo ser encarado de modo fixo e, tal como a multiplicidade implicada na sua semiose – com apropriações e ressignificações de outros textos verbais e imagéticos – não pode mesmo ser visto de modo uno.

Em última instância, seguindo Foucault (2008a; 2008b; 2009), trata-se de reafirmar o caráter relacional, difuso e descontínuo dos exercícios de poder que se articulam no âmbito discursivo.

## 1. Dos conceitos de *ethos*, *posicionamento discursivo* e *poder*

Segundo a perspectiva aqui adotada (cf. MAINGUENEAU, 2006), pode-se compreender o *ethos* como o efeito da atribuição de uma imagem para o enunciador, elemento de uma construção discursiva ancorada tanto nas representações coletivas (culturais e históricas) como na relação de interação específica (com as complexas cadeias de cognição e afeição envolvidas).

Assim, como diz Maingueneau (2006, p. 70) se o *ethos* é o fenômeno em que *por meio de sua fala, um locutor ativa no intérprete a construção de uma certa representação de si mesmo*, essa imagem que um enunciador mostra de si, através de seu dizer, depende não só do que ele sugere com seus enunciados, mas acima de tudo, da sua própria enunciação.

Já os *posicionamentos discursivos* podem ser entendidos como uma "tomada de posição" que determinado discurso assume em relação a outros. A identidade de um discurso, então, manifesta-se menos por uma essência em si do que por uma relação de diferença num campo discursivo (cf. MAINGUENEAU, 2001). Assim, *grosso modo*, pode-se pensar, por exemplo, que o naturalismo literário se define por não idealizar personagens e situações, à maneira do romantismo, ou ainda que o discurso materialista busque nas condições materiais de produção a base explicativa para as ideias vigentes, diferentemente da filosofia idealista que procura nas ideias vigentes a explicação da sociedade etc. etc.

De acordo com Maingueneau (2006), a construção de *ethos* se faz já a partir de um contato do interlocutor com o gênero discursivo em que

se processa um dado enunciado, ao que o autor designa *ethos pré-discursivo*<sup>2</sup>.

Nessa perspectiva, pode-se pensar que o suporte comunicativo do fanzine, como elemento integrante de uma situação de enunciação, pode, por si só, já manifestar considerações de valor - algo "rudimentar", em que o "simples" pode ser, muitas vezes, qualificado como "simplório", especialmente tomando como referência os projetos gráficos profissionais implicados na edição de livros, jornais e revistas comerciais. Ou ainda pode suscitar antecipações de que, por não estar num circuito de compra e venda, vá assumir posicionamentos mais "subterrâneos". De certo modo, é isso o que postula Zavam (2006) com a seguinte generalização:

Investir no fanzine é posicionar-se contra a ideologia, sobretudo a do mercado editorial e é, conseqüentemente, colocar-se à margem desse mercado.

Acredito que, embora se colocando predominantemente "às margens" do mercado editorial e recorrendo tradicionalmente a temas mais "subterrâneos", disso não decorre dizer que, necessariamente, os fanzines assumam *ethé* ou *posicionamentos* discursivos "marginais", muito menos que sempre se contraponham a ideologias predominantes.

Tentando escapar das oposições por demais fechadas e absolutas, na esteira do que propõe o projeto genealógico inspirado em Nietzsche e elaborado por Foucault (2008a, 2008c), é possível considerar os fanzines pelo viés de uma investigação que pretende identificar caminhos para o seguinte problema:

quais são, em seus mecanismos, em seus efeitos, em suas relações, os diversos dispositivos de poder que se exercem a níveis diferentes da sociedade, em domínios e com extensões tão variados? (FOUCAULT, 2008a, 174).

Assim, através do método genealógico (FOUCAULT, 2008a, 2008c), busca-se não a "essência" dos fenômenos mas sim as relações de poder que atuam como condições de possibilidade de sua emergência. Como afirma Foucault (2008c), *o que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem - é a discórdia entre as coisas, é o disparate.*

Buscar descrever e interpretar essa conjuntura de discórdia, eis o projeto genealógico. Nesse empreendimento, um conceito se faz fundamental: *poder*. Ressalte-se que a concepção de poder aí implicada não se reduz às análises economicistas, nem se restringe ao aparelho do Estado, nem é unicamente repressivo: o poder é compreendido como *relação*, como um *confronto belicoso de forças* (FOUCAULT, 2008a, 176), que se exerce necessariamente através de discursividades locais, móveis e até paradoxais.

Pretendo demonstrar, assim, como os fanzines tomam parte desse "disparate", ilustrando como podem ser apropriados tanto por um discurso anti-cristão quanto cristão. Tomo como critérios de análise as categorias discursivas de *ethos* e *posicionamento*.

## 2. *Ethos* e *posicionamento discursivo* nas relações de poder em Fanzines

Com efeito, inúmeros são os exemplos de fanzines cujos *posicionamentos* e *ethé* assumidos geralmente são mais censurados e reprimidos pelas instâncias oficiais. Mas ainda assim não é possível ver de maneira uniforme o caso dos fanzines, em que *ethos* e *posicionamento* sejam restritos a esferas ditas "excluídas".

Apresento alguns exemplos que permitem pensar a relação entre poder e dizer através do caso do discurso (anti)cristão, ilustrando como posicionamentos tanto profanos como sagrados podem se manifestar através das mesmas estratégias, a saber: modalidades de enunciação (os próprios fanzines) e recursos discursivos (*ethos* e estratégias de humor).

Primeiramente, veja-se o caso do *Sexoxe*, fanzine produzido em Fortaleza, por estudantes universitários, nos primeiros anos da década de 2000. Nesse fanzine, observa-se um poema intitulado "Chagas de uma Vênus Decadente", com enunciados explicitamente anti-cristãos, tais como o enunciado metafórico *Deus não passa de uma boceta cósmica, a qual todas as almas anseiam penetrar*. Ao final do poema, uma ilustração sugestiva com o seguinte enunciado: *Deus me dê fenda!*

O texto em questão assume um *ethos* satírico de profanação aos cânones sagrados do discurso do cristianismo, especialmente através do apelo ao riso (com o duplo sentido que se confere à tradicional invocação cristã "Deus me defenda"). Esse caso ilustra como o poder pode ser pensado em seu caráter *relacional* e *local*: como afirma Foucault (2009, p. 105), *onde há poder, há resistência*. Portanto, onde há o sagrado, há

também o profano e onde há livros "nobres", há também folhetos "infames".

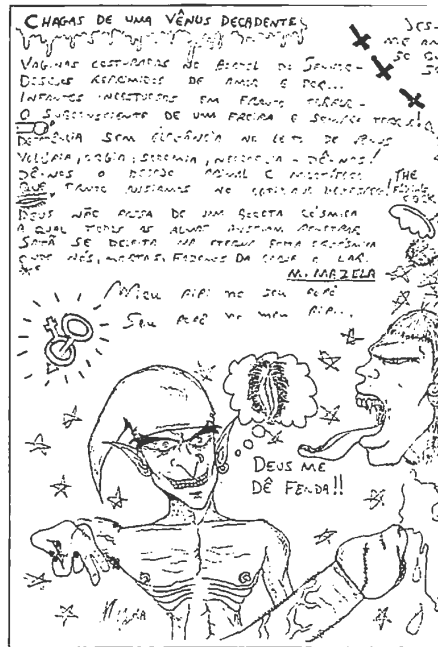


Figura 1: Página do fanzine *Sexoxes*.

Não se trata, também, de pensar que há apenas um único lugar para a recusa, *mas sim resistências, no plural* (FOUCAULT, 2009, p. 106). Em proporções desiguais, mas não de menor potência, o fanzine se coloca aí num campo contrário a todo o aparato de templos, cultos e sacerdotes dos dispositivos religiosos da cultura judaico-cristã.

Mas, além de imanente e difuso na sociedade, o poder processa-se em pontos irregulares, desiguais, móveis e transitórios. E o mesmo apelo a estratégias discursivas de humor e até mesmo o próprio fanzine, utilizados pelo discurso profano e anti-cristão, podem ser convertidos a favor de um discurso sacro e cristão. É o que indica esse outro exemplo, do *ZadockZine*, um fanzine também produzido em Fortaleza, também por estudantes universitários, também na década de 2000. O texto em questão mostra um personagem, falando ao telefone, assumindo um *ethos* também satírico através da ironia para fazer valer um discurso cristão de negação aos "falsos evangelizadores":



Pastor! Um verdadeiro escândalo! Eu vi aquele irmão na praia com a esposa só de biquíni! O que? Eu... Bem, eu estava evangelizando por lá!



Figura 2: Página do ZadockZine.

Além de um *ethos* satírico, um *ethos* de caráter injuntivo, tipicamente "professoral" (no sentido da imagem de um enunciador que diz um dever-ser) também pode estar associado tanto a posicionamentos cristãos como anti-cristãos em fanzines. É o caso dos fanzines *Sarrabuio de Tertúlia* e *Jerubaal*, ambos também fanzines cearenses produzidos por jovens universitários nos primeiros anos de 2000. No fanzine *Sarrabuio de Tertúlia*, edição de número 2, o pequeno texto "Ética, moral e bons costumes" assinala o seguinte:

Não roubar, não matar  
 Ou qualquer herança cristã puritana  
 Banana de noite, leite com manga  
 O bom costume não mais nos engana  
 Porque a moral de nossos dias sempre  
 Esteve a serviço do estado  
 Visões maniqueístas sobre o mundo  
 Ou os pecados de qualquer religião  
 Enquanto restringem a tua mente  
 Eles limitam a tua ação.

No outro caso, o fanzine *Jerubaal*, com o mesmo *ethos*, mas com um *posicionamento* diferente, diz o seguinte:

Apoie a guerra contra sataná! Tire xerox e distribua este fanzine para as almas escravizadas e atormentadas pelas mentiras demoníacas do satanismo e ocultismo. Divulgue o Reino de Cristo!

Como pensar, assim, que os fanzines são exclusivamente marginais, excluídos, subterrâneos? Estão necessariamente às margens das ideologias dominantes? Como pensar que *ethos* e *posicionamentos* apresentam uma equivalência e uniformidade? O mesmo *ethos* não pode ser utilizado como estratégia para *posicionamentos* diferentes?

Fica evidente, assim, que o suporte ou dispositivo de enunciação do fanzine também não pode ser visto como um elemento estável na constituição de imagens do enunciador ou na assunção de posições discursivas. De maneira descontínua e contraditória, os fanzines podem ser atravessados por discursos díspares e manifestar diferentes relações de poder (de reprodução ou de ruptura com discursos mais ou menos legitimados).

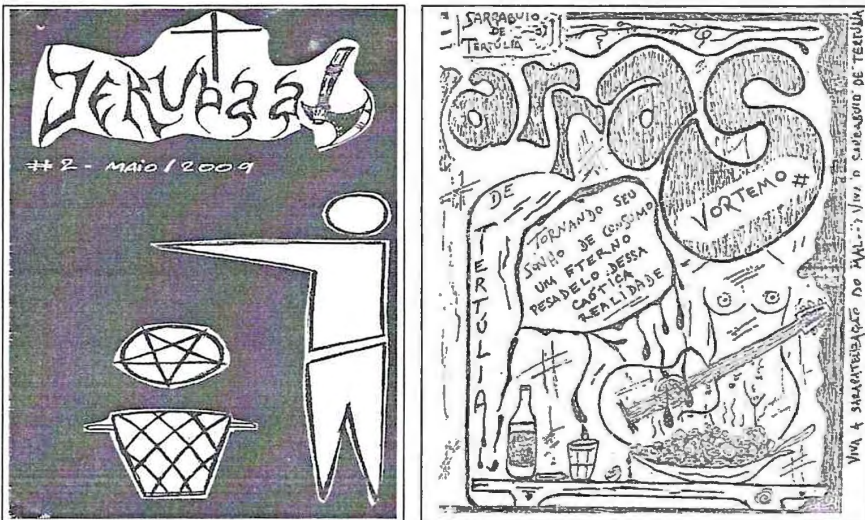


Figura 3: Capas dos fanzines *Jerubaal* e *Sarrabuio de Tertúlia*. Detalhes: enquanto o primeiro traz desenho que ilustra o pentagrama, símbolo do ocultismo, sendo jogado no lixo, o segundo traz o registro de um uso não-padrão para a expressão "voltamos".



## Observações finais

Os exemplos aqui apresentados demonstram a impossibilidade de articular a relação entre poder e discurso de maneira binária, bem como a relação entre *ethos* e *posicionamento* discursivo. Fazer corresponder essas categorias seria não admitir as descontinuidades entre exercícios de poder e estratégias discursivas. Sendo o discurso espaço de encontro entre poder e saber, é preciso pensar como Foucault (2009, p. 111), no sentido de que...

não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado; mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes.

Decididamente, as relações entre exercícios de poder e estratégias discursivas não podem ser pensadas de maneira inequívoca. Fanzines e estratégias discursivas, com os *ethé* e *posicionamentos* assumidos, podem tanto estar a serviço de ordens "maiores" como "menores" (discurso religioso, discurso profano). O fanzine entra no jogo do poder e, como tal, implica usos não só regulares, mas também contraditórios. Classificar as práticas sociais simplesmente como marginais OU instituídas é anular sua diversidade. E pensar o fanzine em termos de *ethos* ou *posicionamento* essencialmente "marginal" é negar a própria complexidade do mundo.

## Referências Bibliográficas

### Artigos e capítulos de livros

FOUCAULT, Michel. 2008a. **Genealogia e poder**. In: *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 26ª Ed. Rio de Janeiro: Graal.

\_\_\_\_\_. 2008b. **Sobre a História da Sexualidade**. In: *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 26ª Ed. Rio de Janeiro: Graal.

\_\_\_\_\_. 2009. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon de Albuquerque. 19ª Ed. Rio de Janeiro: Graal.

\_\_\_\_\_. 2008c. **Nietzsche, a genealogia e a história**. In: *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 26ª Ed. Rio de Janeiro: Graal.

\_\_\_\_\_. 2001. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga Sampaio. 7a ed. Rio de Janeiro: Edições Loyola.

MAGALHÃES, Henrique. 2004. **A nova onda dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia.

MAINGUENEAU, Dominique. 2001. **O contexto da obra literária**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. 2006. **Cenas de Enunciação**. Organização de Sório Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. Curitiba: CRIAR Edições.

MUNIZ, Cellina Rodrigues (org.). 2010. **Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si**. Fortaleza: Edições UFC (Coleção Diálogos Intempestivos).

ZAVAM, Áurea. 2006. **Fanzine: a pluralidade paratópica**. Revista Linguagem em (Dis)curso. Volume 6. Número 1. Jan./Abr.

### Fanzines:

**Jerubaal**. Número 2. Quixadá, Ceará, 2009.

**As pirações do Gullar**. Número 4. Teresina, Piauí, 2009.

**Sarrabuio de Tertúlia**. Número 2. Fortaleza, Ceará, s/d.

**Sexoxes**. Fortaleza, Ceará, s/d.

**ZadockZine**. Fortaleza, Ceará, s/d.

### Notas

<sup>1</sup> Do fanzine *As pirações do Gullar*. Teresina, 2009.

<sup>2</sup> Penso que o termo *pré-discursivo* não seja adequado, já que faz equivar discursivo ao plano da enunciação verbal estrita. Embora o termo discursivo possa estar, de fato, precisamente ligado ao que é da ordem do verbal - como em Foucault (2008b), que diferencia sua fase *arqueológica* (voltada para as regularidades das construções das *epistemes*, ou dos *discursos*), de sua fase *genealógica* (voltada para o funcionamento das relações de poder realizadas através dos dispositivos, que implicam elementos discursivos e não-discursivos), creio que não se pode desvincular o *discursivo* de todo um campo de atuações e relações, o que faz valer necessariamente os gêneros discursivos, considerados sobretudo como práticas sociais.

Enviado para publicação: 18.02.2010

Aceito para publicação: 27.06.2010